OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

11-07-2025

Samba de trabalhadores

Aline de Fátima Marques

[Doutoranda UFJ (Universidade Federal de Jataí) – Grupo Dona Alzira]

Foi na roda de samba que conheci Zeca Pagodinho. Entre risos, conversas e cervejas,
Pagodinho me contou como veio do subúrbio do Rio de Janeiro e chegou ao sucesso, o que a ele pouco importa.
Amante de samba raiz, fez, especialmente para mim, uma palhinha com notas de alegria
da sua música "*Deixa a vida me levar*", lançada em 2002, no seu 15° álbum.
Ao cantar "*Deixa a vida me levar*", Fadel, que também estava nessa roda de samba,
logo contestou com indignação Zeca Pagodinho. Disse Fadel:
"*Nós da Saúde do Trabalhador não deixamos a vida nos levar de jeito nenhum!*
Pelo contrário, levamos a vida com luta e com indignação. No samba da vida, lutamos pela liberdade dos trabalhadores.
***É no samba de trabalhadores que quero estar*", disse olhando nos olhos de Pagodinho.**
O fato é que não é sobre Zeca Pagodinho que quero falar. É sobre Fadel!
Conheci Fadel não com os olhos – que às vezes me traem – mas com um instante de pedra diamante.
Um instante que não se explica, como o susto da alma ao encontrar o que já sabia sem nunca ter visto.
Eu já tinha ouvido da boca de pessoas próximas sobre a sua coragem.
Fadel chegou no meu samba como quem sempre esteve lá. E nem é sobre samba que quero falar!
Alto como um pensamento que não dobra, sua consciência está fundamentada no compromisso com a dignidade humana e com o direito à saúde. Os cabelos têm a cor da liberdade, como a espuma do mar de Copacabana, onde ele mora, não apenas como residente, mas como poeta de endereço fixo.
Sim, Fadel é poeta que não se rende à vaidade e ao discurso raso. Ele é desses que declamam, e, ao declamar deixa palavras escorrerem no ar; escreve sem precisar de papel. Escreve com os olhos, com o nariz, com os pés.
Há nele uma coisa de silêncio que diz – que grita.
E quando fala, os olhos – janelas do pensamento – piscam à luz do mundo, e o mundo parece querer escutá-lo melhor.
Ele é bonito, além da beleza que se vê apenas com os olhos. É bonito porque carrega uma ideia no rosto que afronta os opressores e chama à justiça, ao cuidado. O meu amigo sambista tornou-se médico e não por acaso despojou-se dos luxos da profissão. Escolheu cuidar do trabalhador, como quem escolhe amar sem prometer nada.
Seus passos ecoam nos corredores da Fiocruz, onde ciência e gente se cruzam em vozes que tentam melhorar o que há.
Fadel ensina, luta e vive na prática a Saúde do Trabalhador. É professor de dignidade em carne viva.
É militante que não grita – afirma! Tem a força dos que sabem que a luta não acaba,
e mesmo assim vestem a camisa todos os dias. É o homem que sonha com os olhos abertos, e lê com os olhos fechados – porque é leitor assíduo do mundo, desses que não apenas leem livros, mas são lidos pelas palavras.
Dizem que Fadel nasceu em São Paulo. Mas é carioca demais para se enganar.
Mora em Copacabana como quem mora no próprio corpo.
Como disse Eguimar Chaveiro, "*mora em si desde que se inventou*", com familiaridade e espanto.
Sabe o mar, mas não o controla. Deixa-se molhar pela vida, mesmo quando ela vem fria.
Com Fadel, não há conversa mole – há debate e uma dose de whisky sobre a mesa.
Ele é desses que não se esmaece, apenas se coloca no mundo sem pedir licença para existir. Como poema. Como crônica.
Como amigo. Fadel é meu amigo. Amigo de alma. Amigo que amo.
Desses que o coração fala baixinho, manhoso, com jeitinho. Porque a gente se entende, mesmo se faltar palavras.
O samba da vida está aí com Fadel Pagodão.

▪▪▪

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.